

O ESTABELECIMENTO DO CRISTIANISMO NO REINO DA ARMÊNIA ENTRE OS SÉCULOS IV E VI

Daniel Alonso de Araújo

O Reino da Grande Armênia foi o primeiro Estado do período tardo-antigo a se converter oficialmente ao cristianismo num contexto político de alinhamento ao Império Romano de Constantino (r.306-337), após este haver acordado com seu rival Licínio a aplicação do *Edito de Tolerância* de Galério, emitido em 311, que concedia paz e liberdade de culto aos cristãos, num encontro de ambos ocorrido em Milão, no ano de 313 (Sotomayor, 2006, p. 311-118. 325. 339-343). A partir de então, constituiu-se no interior da sociedade armênia uma estrutura eclesiástica – uma Igreja étnica – cujos elementos eram provindos da Igreja greco-capadócia. Por outro lado, numerosos elementos da Igreja siríaca de Edessa foram absorvidos, criando uma situação de formar uma tradição eclesiástica que bebia simultaneamente de duas fontes: a grega e a siríaca. Posteriormente, a Igreja armênia acresceu elementos provindos tanto da tradição bizantina (no século VI) como da latina (no século XIV).

Nessas últimas décadas, houve um grande progresso nos estudos referentes ao desenvolvimento do cristianismo na Armênia, no período que se seguiu à criação do alfabeto armênio (no século V) e ao conseqüente movimento literário em língua nacional, em razão das edições críticas e respectivas traduções às modernas línguas europeias de numerosas fontes históricas, tornando-as acessíveis aos especialistas em História da Igreja. Entretanto, por falta de uma documentação mais sólida, o período antecedente à invenção do alfabeto ainda se encontra um tanto obscurecido, ou, como afirma a grande armenista Nina Garsoïan, “arrisca-se a falsear por uma interpretação mais tardia, refletindo as condições e os pontos de vista que não são mais aqueles da época descrita” (Garsoïan, 1998, p. 1125).

De fato, o surgimento de uma literatura nacional com o estabelecimento do armênio como língua de cultura e, conseqüentemente, da produção historiográfica dos armênios se deu sob o patrocínio da dinastia reinante dos Mamikonyan (314-1189), que expressava tão somente “o ponto de vista preponderante da tradição

nacional escrita da Igreja setentrional, fundada no início do século IV por Gregório, o Iluminador” (Garsoïan, 1998, p. 1125), ignorando, não sem uma certa hostilidade, o primeiro impulso missionário dos cristãos de expressão siríaca provindos do Reino de Edessa, e que levou à formação de uma Igreja armênio-siríaca que predominou na Armênia meridional por muito mais tempo do que queriam admitir. Entretanto, os historiadores hodiernos têm procurado retificar essa postura, demonstrando a importância que o cristianismo siríaco teve na formação da cultura armênia paleocristã, sobretudo a partir do século V, pelo grande afluxo de traduções de obras patrísticas siríacas, especialmente da literatura homilética. Porém, há muito o que fazer nesse âmbito no que diz respeito à publicação, identificação, datação e análise de textos originais e traduções, cuja maior parte não é ainda acessível em versões impressas, mas apenas como manuscritos.

A formação da nação armênia

Os antigos armênios pertenceram ao âmbito cultural indo-iraniano, sofrendo forte influência da antiga cultura iraniana, a qual se estendia por toda Ásia Central, a região caucasiana e os territórios europeus hoje ocupados pelos russos e ucranianos. Suas origens remontam ao século VII a.C., quando dois povos, os *armê* e os *hay*, com o auxílio dos medos e elamitas, ocuparam toda a região do antigo país de Nayiri e se miscigenaram com as populações que ali habitavam, resultando num novo povo, bem como na formação da antiga língua armênia (cf. Sapsezian, 2010, p. 17). O país de Nayiri – como chamado pelos antigos assírios – ocupava o espaço caucasiano em torno dos três Lagos Sevan, Van e Urmia, entre os Mares Cáspio e Negro (ou Ponto), que se tornou o território da Armênia histórica. Em sua própria língua, o país foi denominado *Hayastan*, “terra dos *hay*”, enquanto os persas chamavam-no de *Armeni*, derivando dos *armê*, que os gregos e romanos pronunciavam *Armênia*.

Desde o século VI a.C., a Armênia passou a integrar o Império Aquemênida (Pérsia), e assim foi até o século IV a.C., com a expansão macedônica de Alexandre Magno (356-323 a.C.). Nesse período, ela foi dividida em duas províncias, resultando numa Armênia Oriental, ou Maior, e numa Armênia Ocidental, ou Menor. No período helenístico (séculos III a I a.C.), com relativa autonomia, essas duas Armênicas tomaram rumos distintos: a Armênia Oriental se tornou um reino de cultura iraniana, satélite dos grandes reinos partas; a Armênia Ocidental, um reino helenístico, chamado de Reino do Ponto (por

margear o Mar Ponto ou Negro), a qual depois se converteria na província romana da Armênia Menor (século I a.C.).



Figura 1: Localização do Reino da Grande Armênia e da Armênia Menor na Era Selêucida (IV-II a.C.). Disponível em <http://wikimedia.org> (acesso: abr 2015). Imagem de domínio público.

No início do século I da era cristã, a Armênia foi disputada por romanos e partos, até estabelecerem um acordo: o Reino da Armênia seria controlado por monarcas arsácidas (dinastia reinante no reino iraniano),



Figura 2: O Reino da Grande Armênia sob a dinastia parta dos Archakuni (séc. I-III d.C.). Disponível em <http://wikimedia.org> (acesso: abr 2015). Imagem de domínio público.

mas os reis seriam coroados pelos Césares de Roma. O primeiro rei archakuni foi Târdat I (r: 66-100), coroado pelo César Nero. Esse equilíbrio

de forças se deu até 226, quando os Sassânidas, de origem persa, assumem o controle expulsando os partos (Araujo, 2013, p. 31-32).

A conversão da Armênia ao cristianismo

O cristianismo se expandiu paulatinamente entre os séculos II e III na *pars orientalis* do Império Romano, alcançando inclusive a Armênia Menor. Os cristãos anatólícos eram helenófonos e os armênio-romanos estavam sob a zona de influência da Igreja greco-capadócia. Já a Armênia meridional tornou-se majoritariamente cristã entre os séculos II e III por impulso missionário da Igreja siríaca de Edessa, recebendo dela sua expressão cristã. Cada um desses grupos cultivava tradições eclesiásticas diferentes – respectivamente grega e siríaca – mas nenhum deles era vinculado à Igreja da Armênia, na qual se configuraria uma tradição eclesiástica nacional.

Não é fácil reconstruir historicamente a cristianização da Armênia em razão da precariedade das fontes, que praticamente se reduz a uma fonte hagiográfica de fins do século V ou início do VI intitulada *História dos Armênios*, de *Agathangelos*, um escriba procedente de Roma, educado nas letras latinas e gregas, chamado à corte Aršakuni pelo rei Târdat III (r.298-330) a fim de compor uma crônica sobre os eventos da época em grego literário. Tal apresentação autobiográfica do autor nos dá a entender que a obra havia sido composta no século IV, contemporânea aos eventos nela relatados. Todavia, os estudos realizados por acadêmicos atuais reconhecem nisso uma ficção construída pelo autor, a fim de dar um caráter de autenticidade e credibilidade aos seus registros históricos, por sinal, um artifício retórico comum entre os antigos. A linguagem usada na obra possui as características do armênio clássico do século V, com alguns empréstimos de Maštots e Koriun¹, sendo que a versão grega é uma tradução do original armênio realizada no século VI. Também a identidade do autor é desconhecida, pois seu nome é claramente um pseudônimo, quase certamente de um erudito clérigo armênio (cf. Hacykian, 2000, pp. 117-118).

Esta obra foi composta a partir de diversas fontes gregas e armênias que foram combinadas e integradas de modo orgânico e refinadas em linguagem e estilos coerentes, dando uma unidade literária ao conjunto. Estima-se que uma de suas importantes fontes tenha sido *O Livro de São Gregório*, de Lázaro de Parpi, cronista armênio do século V, obra hoje perdida, que continha a vida e obra de São Gregório, o

¹ Ambos pertencem à primeira geração dos criadores da escrita e da literatura armênias.

Iluminador. De modo geral, a obra de *Agathangelos* é uma miscelânea de textos hagiográficos, martirológicos, lendários e históricos, tecidos de tal modo a fim de criar um épico fundacional da cristandade armênia, num contexto de luta contra a opressão político-religiosa persa, bem como de constantes influências de clérigos gregos e edessenos, dando maior autenticidade e autonomia à Igreja oficial da Armênia, segundo a mentalidade da época, com relatos miraculosos e sobrenaturais no processo de cristianização do país em torno de seus protagonistas, o rei Târdat e Gregório Parthev (cf. Hacykian, 2000, p. 117-118).

A *História dos Armênios* foi tradicionalmente dividida em cinco partes: *Introdução*, *A História da Vida de São Gregório*, *O Martírio da Virgem Ripsimê*, *O Magistério de São Gregório*, e *A Conversão da Armênia*. Contudo, a quarta parte, intitulada *O Magistério de São Gregório*, é omitida pelos tradutores modernos e publicada em separado, por considerarem não pertencer à obra original. De fato, ela é a parte mais extensa de toda a obra, consistindo numa dissertação teológica, ou seja, um conjunto de seis sermões atribuídos a São Gregório, supostamente pregados na corte armênia (cf. Hacykian, 2000, 119-120).

O contexto histórico da conversão da Armênia se deu num momento de grande tensão entre o Império Romano e o Império Sassânida. No século III d.C., o Império Romano estava vivendo uma grande crise sob vários aspectos: a sociedade estava em profunda decadência moral; politicamente, a corte imperial estava fragilizada pela corrupção; a cultura helenística estava em desgaste e as populações orientais do Império já não estavam comprometidas com uma integração à sociedade imperial. Paradoxalmente, o cristianismo estava se expandindo em todo o Mediterrâneo oriental, levando inclusive a uma absorção das principais escolas helenísticas (estoicos, epicureus, cétricos). Muitos filósofos se retiravam da sociedade e buscavam um isolamento a fim de se dedicarem à vida contemplativa. Ao se tornarem cristãos, deram origem aos primórdios do movimento monástico. O crescimento numérico, as investidas do Império, as convulsões provocados por grupos heterodoxos, levou a um fortalecimento das estruturas eclesiásticas e da autoridade dos bispos, bem como na instituição dos metropolitas, os quais coordenavam as Igrejas de uma província, presidindo o conjunto episcopal e servindo de elo com outras ligas metropolitanas, oferecendo maior coesão às comunidades cristãs e sua pertença à comunhão da Igreja católica e apostólica, o que causava desconforto ao Império Romano (cf. Sotomayor, 2006, pp. 531-579).

Por outro lado, na Ásia central, o Reino dos Partos havia sucumbido sob o domínio dos persas. A dinastia parta dos Arsácidas

(247 a.C.-224 d.C.) foi deposta e substituída pelos Sassânidas (226-651), os quais eliminaram quase todas as casas principescas arsácidas, exceto os Surena, que, para se preservarem, uniram-se aos Sassânidas e se transferiram para a corte imperial em Ctesifonte, sendo conhecidos então como o *clã parta*. *Agathangelos* faz referência ao príncipe Anak Pahlavi e sua esposa, Oguhi, como membros dos Surena. Outro grupo remanescente foi o dos Aršakuni, ramo arsácida e dinastia real armênia. Estes, porém, se opuseram aos Sassânidas, alinhando-se ao Império Romano.

Com a mudança política no Império iraniano, desestabilizou-se o equilíbrio na região mantido por séculos entre romanos e partas. Uma aliança militar se formou entre os povos caucasianos (armênios, iberos e alanos) e os romanos a fim de combater os Sassânidas e buscar reconduzir os Arsácidas ao trono. Uma expedição comandada pelo imperador Marco Antônio Caro (282-283) se aproximou de Ctesifonte, porém, foi interrompida pela morte súbita do imperador. Ainda assim, ocasionou muitas baixas entre os persas, de modo que estes saíram bem enfraquecidos do conflito (Artzrouni, 1976, pp. 103-104).

Impossibilitados de qualquer revanche, a corte sassânida acordou com o *clã parta* o assassinio do rei armênio mediante traição, com a promessa de entregar-lhes o trono armênio sob suserania persa. O plano teve êxito, no entanto, em represália, a nobreza armênia dizimou os membros dos Surena que estavam refugiados na Armênia. Sob alegação de vingar o aliado, os persas invadiram a Armênia, seguros de que não haveria intervenção romana, visto estarem sem imperador no momento e com a administração confusa. Em 284, Diocleciano assumiu o governo dos romanos. Certo de que um homem só não seria capaz de sustentar todo o Império, dividiu inicialmente o poder com um segundo Augusto auxiliar, estabelecendo duas capitais: Nicomédia, no Oriente, onde se fixou, e Tréveris, no Ocidente, onde fixou o seu auxiliar.

Os documentos históricos não nos dão maiores detalhes sobre eventos ocorridos na Armênia neste período. No entanto, podemos retirar da tradição hagiográfica informações que coincidem com a história geral que conhecemos e são plausíveis de serem fundadas em eventos históricos, evidentemente interpretadas teologicamente. Em síntese, trata-se dos elementos centrais da tradição legendária. A nova estabilidade do Império Romano promovida pela reconfiguração administrativa de Diocleciano ofereceu mais segurança à nobreza armênia, que solicitou proteção ao jovem príncipe herdeiro, Târdat, escondido num castelo na cidade de Ani. O imperador o recebeu em Nicomédia e confiou sua segurança ao conde palatino Licínio. A sua

jovem irmã, a princesa Khosrovdikhât, foi confiada a uma família aristocrática armênia em Cesareia da Capadócia. Como era uma família cristã, a princesa foi educada dentro dos princípios cristãos e batizada em algum momento por vontade própria.

A tradição hagiográfica armênia recorda ainda que o único sobrevivente dos Surena foi o pequeno filho do príncipe parta, o qual foi levado também a Cesareia da Capadócia por um jovem casal, amigo do príncipe morto, e lá foi adotado e educado como cristão. Batizado com o nome de Gregório, em honra de São Gregório, o Taumaturgo, o jovem príncipe teve uma vida tranquila e sua identidade ocultada a fim de lhe garantir a segurança. Ao chegar à idade núbil, Gregório casou-se com uma jovem aristocrata, de família cristã, chamada Myriam Júlia. Dessa união, nasceram dois filhos, Vârthanês e Arístakes. Por pertencerem à mesma classe aristocrática de Cesareia e serem cristãos, não há dúvidas de que Gregório e Khosrovdikhât se conheciam e se encontraram muitas vezes.

Em 298, uma reviravolta política levou os romanos a retomarem seus domínios nas fronteiras com o Império Sassânida.² A Armênia volta a ser controlada pelos romanos e Diocleciano restaurou a monarquia aršakuni, dando o trono ao jovem príncipe armênio, que se converteu no rei Târdat III. Coroado solenemente pelo imperador, o novo rei foi levado em cortejo à Armênia, passando por Cesareia a fim de levar sua irmã junto com ele. Nessa situação, conforme a tradição hagiográfica, conheceu Gregório e travou uma grande amizade com ele, levando-o também consigo e fazendo-o seu conselheiro pessoal.

Nesse ponto, as narrativas hagiográficas relatam os contratempos de Gregório. Depois de cinco anos de tranquilidade, a inveja de muitos cortesãos faz-nos desconfiar de Gregório; os mais antigos, por outro lado, consideram-no familiar. Então foi proposto ao rei Târdat testar a fidelidade de Gregório, ordenando-o oferecer oferendas à deusa Anahit. Gregório se absteve de fazer isso e acabou por revelar sua identidade cristã, causando a ira do monarca e da população. Submetido a graves torturas, confessou também ser filho do príncipe assassino do rei Khosrov e assumiu estar disposto a expiar os pecados de seu pai. Condenado, foi lançado num poço profundo, local insalubre, impossível de sobreviver por muito tempo. Ocultamente, a princesa Khosrovidikhât visitou Gregório e ordenou a uma camponesa da região

² Nessa mesma época, Diocleciano separa os sete principados ou satrapias meridionais do Reino da Armênia, tornando-as um protetorado romano, as *Satrapiae*, a fim de equilibrar a situação, pois sendo todas cristãs (armênio-síriacas), não estavam dispostas a se relacionar com uma monarquia pagã.

que jogasse diariamente alimento no poço e a mantivesse informada. Todos esses eventos são datados de abril de 304, recordando que, no ano anterior, em 303, o Império baixou um decreto de perseguição contra os cristãos.

Em 305, Diocleciano abdicou de sua função e, na sequência, uma guerra civil explodiu no Império Romano em razão de cinco concorrentes aspirarem ao Império isoladamente. Em 312, Constantino e Licínio eliminaram os rivais e assumiram o Império, o primeiro no Ocidente e o segundo no Oriente. Em 313, mediante um protocolo em Milão, ambos acordaram repartir o poder no Império e conceder liberdade de culto aos cristãos. Isso foi um golpe ao rei Târdat. Obrigado a condenar Gregório por sua fé cristã em atenção ao Império, via então a política imperial tender às simpatias ao cristianismo. Isso o tornou ainda mais amargo e enlouquecido. Sob influência de Khosrovidukhât, Gregório foi resgatado e se reconciliou com Târdat. Tal circunstância abriu caminho às mudanças políticas na Armênia, levando o rei Târdat a promover a conversão do reino ao cristianismo, fato que fez a Armênia se tornar, em 314, o primeiro Estado, na Antiguidade, a adotar oficialmente o cristianismo como confissão pública de fé. Gregório então foi aclamado pelo rei e pela corte como Bispo da Armênia e enviado a Cesareia da Capadócia a fim de receber a sagração episcopal. Tudo foi relatado em uma missiva oficial do monarca, dirigida ao arqui metropolitanita Leôncio de Cesareia (*m.337*). Consagrado bispo durante um sínodo convocado por Leôncio, Gregório retornou à Armênia, acompanhado por um grupo de clérigos e monges, a fim de auxiliá-lo no processo de evangelização do país, e procedeu ao rito de iniciação cristã do rei e a rainha, aos membros da corte e à população local, como ponto de partida da cristianização da Armênia.

A passagem para o cristianismo, todavia, não se deu facilmente, sem resistência por parte da classe sacerdotal armênia e da nobreza. O cristianismo foi imposto com certa violência por parte do rei Târdat, que mandara demolir muitos templos ou transformá-los em igrejas. Gregório fixaria sua sede em Aštišat, importante centro de culto onde residia o grão-sacerdote da velha religião armênia. Também os quadros eclesiais seguiram os moldes vigentes na sociedade armênia, em que os altos cargos civis e religiosos eram hereditários. Serão de sua família, de seus descendentes, que sairiam os seus primeiros sucessores como líderes da Igreja armênia.

A fim de manter uma certa conciliação com a antiga tradição religiosa, São Gregório procurou ainda fazer dos filhos dos sacerdotes

da velha religião armênia padres e bispos, formando-os e preparando-os, com a ajuda do clero grego e siríaco, na doutrina cristã. Como se podia esperar de uma conversão rápida e forçada que não fora uma consequência de um encontro pessoal e reflexivo com a fé cristã, numerosos costumes antigos, nem sempre condizentes com os princípios cristãos, não desapareceram da noite para o dia, havendo, por isso, sempre que possível, recebido um novo significado cristão, como foi o caso de alguns símbolos e festas religiosas.

Em 324, São Gregório abdicou de sua função em favor de seu filho mais novo, Arístakes (r.324-333), o qual participou do Concílio de Niceia (325) representando o Reino da Armênia.³ A este sucedeu Vârthanês (r.333-341), o qual assumiu após o assassinio de seu irmão. Seguiu-se o filho deste último, Hussik (r.341-347), que foi condenado à morte pelo rei Târan II (r.339-350), o qual nomeou em seu lugar não um membro da família de Gregório, mas um descendente do antigo grão-sacerdote da velha religião armênia – que foi o primeiro a receber a ordenação episcopal das mãos de Gregório e assim, tornara-se cabeça dos *albinos*, uma família rival à de Gregório na posse do cargo de líder da Igreja armênia. Este, por sua vez, foi substituído por Sahak (r.349-353), do qual se tem poucas notícias.⁴ Nesse período, a Igreja da Armênia afastou-se da Igreja de Cesareia, isolando-se momentaneamente. À Sahak seguiu-se um trineto de São Gregório, Nersês Magno (r.353-373), que foi sagrado bispo pelo próprio São Basílio de Cesareia (329-379) e, sob a influência deste, tornou-se no segundo grande organizador da Igreja Católica na Armênia, introduzindo instituições e costumes ainda desconhecidos dos armênios. Por exemplo, criou fundações caritativas para enfermos e indigentes, decretou interdição para matrimônios entre consanguíneos, aboliu usos pagãos nos funerais, e introduziu e organizou a vida monástica na Armênia.⁵ Desse modo, a Igreja da Armênia voltou a se aproximar da Igreja greco-capadócia.

Como primaz da Igreja Católica na Armênia, São Gregório, o Iluminador, assumiu o título de *kahanayapet* – título derivado do siríaco *kahanay*, “sacerdotes”, e do armênio *pet*, “chefe”, ligados pela

³ Essa participação se deu por um ato de amizade de Târdat por Constantino. Desse modo, a Igreja da Armênia recebeu o *Símbolo do Concílio de Niceia*, sem, contudo, interessar-se pelas discussões teológicas que a ele precederam e se seguiram.

⁴ Hussik tinha dois filhos, Pap e Atanaguines, considerados indignos do episcopado pelo rei.

⁵ Em relação a este último ponto, não se deve esquecer que São Basílio é o grande patriarca e organizador do monaquismo na Igreja greco-oriental.

vogal copulativa *a* – antes usado pelo grão-sacerdote da velha religião armênia. Os seus sucessores imediatos usaram, por sua vez, o título neológico de *yepiscoposapet*, isto é, chefe dos bispos. Sua função era similar ao dos metropolitas, porém, não de uma província imperial, mas de todo o Reino da Armênia.

A Igreja da Armênia se organizou em parte segundo as estruturas sociais armênias daquele momento, num período em que as estruturas eclesiásticas não eram fixas e nem possuíam a complexidade que assumiria no futuro, estabelecendo-se como um Igreja nacional, a primeira na história cristã. Diferentemente dos metropolitas (e mais tarde dos arqui-metropolitas ou exarcas e dos patriarcas) que eram eleitos pelo sínodo de sua província como indicativo de sua autocefalia, o primaz da Igreja da Armênia mostrava sua autoridade frente ao episcopado não sendo eleito por eles, mas como membros dinásticos de uma família que detinha essa honra, no caso, os Parthev, descendentes de São Gregório, o Iluminador. A opção por receberem a sagração episcopal do metropolita de Cesareia da Capadócia era o modo de demonstrar sua independência e primazia. Cabe recordar que o sucessor de São Gregório, seu filho mais novo, foi sagrado bispo pelo próprio pai, sem recorrer ao metropolita de Cesareia, de modo que a Igreja da Armênia mantinha um vínculo de comunhão católica, mas não de submissão jurídica ou circunscricional a outra sede, como a de Cesareia da Capadócia.

Ainda no século IV, cunhou-se o título de *hayrapet* ao primaz armênio – do armênio *hair*, “pai”, e *pet*, “chefe”, sempre com a vogal *a* de ligação – que evocava o tratamento *Padre* (com inicial maiúscula) para se referir aos bispos (como nas expressões Padres da Igreja, Padres conciliares ou sinodais, ou mesmo Santo Padre). O seu étimo o aproxima do termo grego *patriarca*, embora naquela época, não era ainda um termo eclesiástico⁶. No entanto, na Igreja da Armênia, já se encaminhava para esse sentido, porém, com uma distinção: o patriarcado não estava ligado a uma sede específica, mas sim a uma

⁶ O título de *patriarca* foi atribuído pela primeira vez a São Leão Magno (440-461), na qualidade de Arcebispo de Roma – o primeiro em dignidade entre todos os bispos da cristandade universal –, em 450, pelo Imperador Maurício de Constantinopla (450-457) e seguido pelos Padres do Concílio de Calcedônia (em 451), quando então é introduzido na linguagem eclesiástica para se referir ao primaz de toda a Igreja Católica, pois, até então, era de uso exclusivo do príncipe-etnarca dos judeus residentes no Império Romano, até 429, quando o Imperador Teodoro II (408-450) aboliu o patriarcado judaico. Foi nesse momento que o Palácio do Latrão, residência dos papas romanos, foi chamado de *patriarchium* e as quatro basílicas maiores de Roma de Basílicas Patriarçais.

Igreja étnica, podendo mudar a sede conforme as circunstâncias; e foi o que ocorreu diversas vezes.

São Sahak, o Grande, refundador da Igreja étnica da Armênia

Entre 384 e 387, os romanos e os persas acordam a paz entre os dois impérios e dividiram a Armênia entre si.



Figura 3: O Reino da Armênia Persa no confronto entre romanos e persas (séc. IV-V). Disponível em <http://wikimedia.org> (acesso: ago 2018). Imagem de domínio público.

Em 387, na sucessão de São Nersês Magno, o monarca sassânida nomeou o filho deste, Sahak Parthev, para a sede primacial da Armênia. Seu governo eclesiástico duraria mais de quarenta anos (387-438), sendo que os últimos dez foram por demais atribulados (cf. Maraval, 2000, pp. 877-879), permanecendo muito tempo exilado, enquanto a sede era ocupada por antipatriarcas indicados pelo monarca persa⁷.

Ao assumir o patriarcado armênio, Sahak Parthev transferiu a sua sede para Vałaršapat, junto à residência do monarca, onde foram realizados diversos sínodos nacionais. É nessa época que surgiu a lenda de *Edjmiatsin* (*edj-*, “desceu”, *-miatsin*, “unigênito”) que atribui a São

⁷ Antipatriarcas são aqueles que exercem o patriarcado de modo ilegítimo, em oposição ao legítimo titular, canonicamente reconhecido (similar aos antipapas).

Gregório uma visão de Cristo, o qual lhe haveria indicado um lugar onde deveria ser construída uma igreja. Esta seria a catedral patriarcal de Edjmiatsin. Essa lenda não só justificaria a transferência da sede de Aštišat a um novo centro religioso de significado originalmente cristão, mas retomaria a memória de São Gregório, o Iluminador, abandonada pela família rival dos albinos.

Durante o seu patriarcado, Sahak procurou reaproximar-se da Igreja grega, enviando discípulos a estudar na Escola Superior Cristã de Constantinopla e trazer de lá os frutos das ciências sagrada e profana à Armênia. Desse modo, procurava também uma discreta, mas maior aproximação do Império Romano cristão como ponto de apoio contra as pressões masdeístas dos persas, que, por sua vez, também incentivavam a influência siríaca entre os armênios, por ser a expressão cultural dos cristãos persas. Nesse sentido, a Igreja armênia se ressentia da ausência de uma língua e cultura cristãs próprias, que lhe dessem independência e um caráter nacional, bem como uma unidade espiritual (cf. Hacikyan, 2000, pp. 84-86).

Muito contribuiu para a reconfiguração da Igreja o movimento monástico que o patriarca Sahak promoveu com entusiasmo, vivendo ele próprio uma vida de grande austeridade e ascetismo. Contudo, a mais importante obra que realizou foi o estabelecimento da língua nacional e de sua respectiva literatura mediante a criação de um alfabeto próprio. Essa realização foi levada a cabo pelo monge Mesrop Maštots (362-440), também ele formado em Constantinopla, por volta de 405-406. Mesrop, tendo pesquisado diversos sistemas de escrita, pode estabelecer um sistema próprio com sinais que representariam toda a fonética da língua armênia (cf. Ormanian, 2003, pp. 52-55).

Com a formação de uma escrita própria, iniciou-se o processo de tradução de obras de cultura clássica cristã e profana. A primeira obra a ser vertida para o armênio foi a Bíblia Sagrada, traduzida a partir da versão siríaca confrontada com o texto grego alexandrino, a *Septuaginta*. Seguiram-se os textos litúrgicos e as obras patrísticas, bem como importantes obras dos antigos filósofos helênicos. A literatura patrística que a Armênia recebeu nesse momento correspondia exatamente ao período áureo da patrística grega. A Armênia viveu nesse tempo um efervescente movimento espiritual e intelectual, no qual também ocorreu o cruzamento e a fusão das tradições cristãs grega e siríaca e sua conseqüente absorção e adaptação ao contexto local, formando uma cultura cristã tipicamente armênia, não original, mas peculiar (Hacikyan, 2000, pp. 86-88). Sahak Parthev promoveu ainda fundações de escolas

armênias também na Armênia Romana, juridicamente desligada de sua autoridade e pertencente à Igreja greco-capadócia.

O patriarca Sahak foi também o responsável pela formação da liturgia armênia, tomando como referência as tradições litúrgicas greco-capadócias, que serviram de base igualmente para o desenvolvimento da liturgia bizantina⁸, como também elementos da liturgia siríaca edessena e com elementos próprios da cultura armênia, sobretudo na rica produção de cantos sacros, os *charakans*. Sahak Parthev é considerado o segundo fundador da Igreja da Armênia e aquele que nacionalizou o cristianismo entre os armênios.

As controvérsias acerca das naturezas de Cristo

Foi durante o patriarcado de São Sahak Parthev, exatamente no período de seu exílio, que se iniciaram as grandes discussões sobre as naturezas de Cristo, das quais a Igreja armênia ficou à margem em razão de seu isolamento imposto pelo Império Sassânida e de seu forçado vínculo com a Igreja siríaco-iraniana. Quando, em 432, retorna do exílio e reassume o patriarcado, toma ciência das decisões do Concílio de Éfeso, em 431, e, a fim de se inteirar do ocorrido, envia alguns monges com uma missiva ao bispo Acácio de Melitena (*m.* 437), da Armênia Romana, e ao arcebispo Proclo de Constantinopla (*m.* 437), resultando na epístola do último, conhecida como *Tomus ad Armenios*, datada de 434, e que consiste numa verdadeira *Confissão de fé* trinitária e cristológica. Nesta, Proclo procurou refinar a fórmula cristológica assumida por São Cirilo de Alexandria, resultando na seguinte afirmação:

Com efeito, eu professo que há um só Filho – assim como, investigando, fui piamente instruído – o qual é a *hipóstase* (pessoa) do Logos de Deus encarnado; ora, havendo um só existente naquele que cumpriu as paixões e operou milagres, por qual razão dissimulam as coisas mais divinas, suprimem as coisas mais humildes? Portanto, a fim de se crer que o Logos permanece o que era, fez-se carne (Jo 1, 14), isto é, criança e homem perfeito.⁹

O alinhamento do patriarcado armênio à Igreja ortodoxa romano-imperial criou uma situação difícil com os monarcas sassânidas que viam

⁸ A matriz da liturgia greco-capadócia era a antiga liturgia antioqueno-hierosolimitana, chamada de Liturgia de São Tiago de Jerusalém.

⁹ Cf. PG 65, 861 (a tradução é de nossa responsabilidade).

nisso uma traição política, situação similar que levou a Igreja siríaco-iraniana à ruptura da comunhão eclesiástica e adoção do *nestorianismo*¹⁰ (doutrina condenada pelo Concílio de Éfeso), entendida por estes como ortodoxia nicena, no intuito de evitarem as perseguições por parte dos persas.

Com a morte do patriarca em 438, findou-se a dinastia eclesiástica dos Parthev, sendo o patriarcado armênio daí em diante eletivo, porém, com forte interferência dos monarcas sassânidas. Como meio de controle da Armênia, evitando qualquer relação com o Império Romano, a corte persa impunha de modo violento o *nestorianismo* e o *masdéismo* intencionado uma total *persificação* dos armênios. Após vários embates, por fim, liderados pelo príncipe Vartan Mamikonyan, neto de Sahak Parthev por linha materna, moveram a uma grande batalha contra os persas. Essa batalha se deu no ano de 451 (quando era realizado o Concílio de Calcedônia), em Avarayr, na qual sofreram uma grande derrota e foram submetidos a um terrível massacre. Uma parte do clero foi deportada para a Pérsia, sofrendo mais tarde o martírio. Porém, embora sofressem uma grande derrota, os armênios venceram pelas intenções, porquanto os Sassânidas perceberam que era impossível convertê-los, já que estavam dispostos ao sacrifício pela sua própria fé cristã ortodoxa. Sendo assim, foi-lhes concedida a liberdade religiosa.

A partir de então, os armênios puderam reorganizar a Igreja e isso se deu sob o patriarcado de João Mandakuni (r.478-490), que transferiu a sede patriarcal à nova capital real em Dvin (c.484) (cf. Di Berardino, 2008, ver. *Dvin*). O conhecimento dos anos que se seguiram nos é praticamente obscuro por falta de maior documentação (cf. Garsoïan, 1998, pp. 1048-1059). Sabe-se que o patriarcado armênio retomou o contato com a Igreja grega. Não há notícias se a Igreja armênia recebeu diretamente as decisões conciliares, embora seja impossível crer que as tenha ignorado por completo. Também nos é desconhecida a data de adesão dos armênios ao edito de conciliação do imperador Zenão (r.474-475 e 475-491), o dito *Henotikon* (482) – que condena igualmente o *nestorianismo* e o *monofisismo*¹¹. Sabe-se, no entanto, que cerca de 505-506 o patriarca Babguen (r.490-516) proclamou oficialmente a união confessional de toda a Caucásia com a Igreja imperial: “Esta é a fé que os romanos (bizantinos), nós, armênios, os iberos (georgianos)

¹⁰ Doutrina heterodoxa que ensinava que Cristo possuía duas *hipóstases* ou sujeitos (pessoas).

¹¹ Doutrina heterodoxa condenada pelo Concílio de Calcedônia e que ensinava que a divindade de Cristo absorvera a sua humanidade, de tal modo que resultava numa única natureza divinizante e divinizada.

e os alanos professamos” (*cit.* Garsoïan, 1998, pp. 1050-1051), uma declaração relativa ao *Henotikon* e à ortodoxia dos concílios de Niceia, Constantinopla e Éfeso.

Quanto à condenação formal do Concílio de Calcedônia por parte da Igreja armênia, trata-se ainda um assunto muito discutido. Alguns creem que ela se proclamou por ocasião do primeiro Concílio de Dvin (506), o que não alterou necessariamente as relações com a Igreja grega; outros, que foi por ocasião do segundo Concílio de Dvin (555), talvez como consequência da ab-rogação do *Henotikon* por parte do imperador Justiniano (r.518-527) como um dos primeiros atos de sua política eclesiástica, o qual imporá em seguida a observância dos cânones de Calcedônia, que os armênios entendiam como uma recaída ao *nestorianismo*.¹² A partir de então, a Igreja da Armênia se vê *ipso facto* separada da comunhão eclesiástica com a Igreja romano-imperial. É nesse momento que o patriarca dos armênios assume o título eclesiástico de *catholicos*¹³.

Considerações finais

Nosso objetivo foi apresentar em linhas gerais o processo de cristianização da Armênia entre os séculos IV e VI, a sua constituição como uma Igreja nacional, a linha cristológica assumida nas grandes discussões do século V e, conseqüentemente, sua separação da comunhão católica no século VI. O cristianismo foi o principal fator na construção de uma identidade nacional armênia ao longo dos séculos, muitas vezes a única instituição a manter a unidade e cultura armênias diante de tantas catástrofes sofridas pelo povo armênio, com perigo de assimilação ou mesmo de extermínio.

Foi por razões cristãs e eclesiásticas que se estabeleceu uma língua de cultura nacional com sua escrita própria, a produção de uma vasta literatura, iniciando com traduções e, na sequência, com a

¹² Um escritor armênio do século VI expressa essa mágoa em relação aos gregos (romano-bizantinos) pela aproximação aos persas quando estes lutavam contra os armênios em 451, recusando-se a ajudá-los, a eles que eram cristãos: “Esse homem ignóbil (Maurício) achou melhor preservar o pacto de paz com os gentios (persas), pelo bem da paz terrestre, do que se juntar na guerra em favor da aliança cristã” (*cit.* CLINE, 2012, p. 382).

¹³ Esse título surgiu em 410 e foi assumido pelo então bispo de Ctesifonte, que se declarava arcebispo *catholicos*, isto é, arcebispo *geral*, ou *supremo*, da Igreja da Pérsia, afirmando sua autocefalia da Igreja de Antioquia. Posteriormente o título adjetivo foi substantivado e tornado similar ao de patriarca, porém, usado somente pelas Igrejas fora das fronteiras do Império Romano (assíria, armênia e georgiana).

produção própria de uma literatura científica, filosófica, eclesiástica, mas também artística. Não é sem motivo que, mesmo não aderindo intimamente à fé e a prática cristã, a maior parte dos armênios se sentem profundamente vinculados ao cristianismo como fundamento básico de sua própria cultura nacional. Por essa razão é tão importante oferecer os elementos básicos de sua história a fim de se aprofundar posteriormente na constituição dos armênios como o primeiro povo no mundo a se converter coletivamente ao cristianismo, fazendo dele sua arma de coesão social e política, ainda que nem sempre isso tenha se dado de modo pacífico, mas com muita luta e resiliência.

Referências bibliográficas:

AGATHANGELOS. *History of the Armenians*. Edição bilíngue. Tradução e comentário de R. W. Thomson. Albany: State University of New York Press, 1976.

ARAUJO, D. A. *São Gregório, o Iluminador*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2023.

ARTZROUNI, A. *História do Povo Armênio*. Tradução de H. Kechichian. Apresentação de E. S. Paula. São Paulo: Comunidade da Igreja Católica Apostólica Armênia do Brasil, 1976.

BUX, N. *Il quinto sigilo. L'unità dei cristiani verso il terzo millennio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1997.

CAÑELLAS, N. *Las Iglesias Apostólicas de Oriente: historia y características*. Madri: Ciudad Nueva, 2000.

CLINE, E. H. *Impérios Antigos: da Mesopotâmia à origem do Islã*. Tradução de G. Schanoski. São Paulo: Madras, 2012.

DI BERARDINO, A. (org.), *Nuovo Dizionario Patristico e di Antichità Cristiane*. Roma: Institutum Patristicum Augustinianum, 2008, 3 v.

GARSOÏAN, N. L'Arménie. In: AA.VV. *Histoire du Christianisme des origines à nos jours*. T. 3 : *Les Églises d'Orient et d'Occident*. V. 7: *Les Églises extérieures dans l'Orient non grec (V^e-VI^e siècles)*. Paris: Desclée, 1998.

GIORDANI, M. C. *História do Império Bizantino*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.

GOLDSWORTHY, A. *O fim do Império Romano: o lento declínio da superpotência*. Tradução de J. B. Paiva Boléo. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.

GROUSSET, R. *Histoire de l'Arménie, des origines a 1071*. Paris: Payot, 1947.

HACYKIAN, A. J. (coord.), *The Hereditage of Armenian Literature*. V. 1: *From the oral tradition to the Golden Age*. Detroit: Wayne State University Press, 2000.

LECLERCQ, J. *O amor às letras e o desejo de Deus*. Tradução de M. P. Marsola. São Paulo: Paulus, 2012.

MARAVALL, P. *Le nueve fronteire. II: L'Armenia*, in: AA.VV. *Storia del Cristianesimo. V. 2: La Nascita de uma cristianità*. Roma: Borla & Città Nuova, 2000.

NERSESSIAN, V. *Treasures from the Ark: 1700 years of Armenian Christian art*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2001.

ORMANIAN, M. *A Igreja dos Armênios: sua história, doutrina, hierarquia, reforma, liturgia, literatura e situação atual*. Tradução de C. Apovian. São Paulo: Ed. O.L.M., 2003.

PIETRI, C. La nuova geografia: A. L'oriente. In. AA. VV. *Storia del Cristianesimo: religione-política-cultura. V. II: La nascita di una cristianità (250-430)*. Roma: Borla & Città Nuova, 2000.

QUASTEN, J. *Patrologia. V. I: Hasta el Concilio de Nicea*. Tradução de I. Oñativoa, com colaboração de P. U. Farre & E. M. Llopart. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004.

RENOUX, C. (tradução, introdução e notas). *Initiation chrétienne. V. 1: Rituels arméniens du Baptême*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1997.

ROPS, J.-D., *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. Tradução de E. Gama. Quadrante: São Paulo, 1995.

SAPSEZIAN, A. *História sucinta e atualizada da Armênia*. São Paulo: Emblema, 2010.

SOTOMAYOR, M. *Historia del Cristianismo vol. 1: El mundo antiguo*, Editorial Trotta, Madri, 2006.

ZEKIYAN, B. L. Catechesi e inculturazione nel periodo formativo della Chiesa Armena. *Nāme-ye Irān-e Bāstān*. Teerā, Iran University Press, v. 12, nn. 1-2, dossiê "Papers of the international conference *Ad ulteriores gentes: the christians in the East (1st to 7th century)*, Rome, March, 2009", 2014, pp. 283-300.

ZEKIYAN, B. L. I processi di cristianizzazione e di alfabetizzazione dell'Armenia in funzione di *modelli* verso una teologia dell'etnia e della *Chiesa etnica*. In. TAFT, R. F. (org.). *The formation of the millennial tradition: 1700 years of armenian christian witness (301-2001)*. *Scholarly symposium in honor of the visit to the Pontifical Oriental Institute, Rome, of His Holiness Karekin II, Supreme Patriarch and Catholicos of all Armenians, November 11, 2000*. Roma: Pontificio Istituto Orientale, 2004, pp. 161-181.

ZEKIYAN, B. L. I Processi formativi della coscienza d'identità della Armenia cristiana e l'emergere di una Chiesa etnica. In. AA. VV. *Convegno Internazionale La Persia e Bisanzio (Roma, 14-18 ottobre 2002)*. Roma: Accademia dei Lincei, 2004, pp. 391-410.

ZEKIYAN, B. L. L'Armenia tra Bisanzio e l'Iran dei Sasanidi e momenti della fondazione dell'ideologia dell'Armenia cristiana (secc. V-VII). Preliminari per una sintesi. In. FEULNER, H.-J.; VELKOVSK, E. & TAFT, R. F. (orgs.). *Crossroad of Cultures: studies in Liturgy and Patristics in Honor of Gabriele Winkler*. Roma: Pontificio Istituto Orientale, 2000, pp. 717-744.

